

Teoria da Interpretação: percurso entre a expressão e o conteúdo

Alexandre Robson Martines

Como citar: MARTINES, Alexandre Robson. Teoria da Interpretação: percurso entre a expressão e o conteúdo. *In:* ALMEIDA, Carlos Cândido de; VITTI-RODRIGUES, Mariana (org.). **Estudos pluridisciplinares da informação:** ciência da informação, ética e linguagem. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 265-309. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-635-0.p265-309>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

9

**TEORIA DA INTERPRETAÇÃO:
PERCURSO ENTRE A EXPRESSÃO E
O CONTEÚDO**

*THEORY OF INTERPRETATION: A
PATHWAY BETWEEN EXPRESSION
AND CONTENT*

Alexandre Robson MARTINES
UNESP
alexandre.martines@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-4524-0978>

Resumo: A linguagem materializa a informação, dando a esta sentido. A informação ganha forma passível de interação à medida que elementos semânticos são vinculados e, assim, são constituídos enunciados. Frente a isso, o objetivo deste estudo é analisar algumas teorias da linguagem com o fito de explorar seus fundamentos para apontar caminhos que corroborem a constituição de uma teoria da interpretação, ao menos debater sobre alguns primeiros fundamentos e, assim, demonstrar as diferenças de análise direcionadas a explorar o plano da expressão e o plano do conteúdo. Para tanto, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, exploratória, já que busca evidenciar os fundamentos teóricos das teorias exploradas, assim também se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, cujo direcionamento é constituir o estudo da arte sobre interpretação através de análises críticas. A linguagem atua como dínamo de significação, possibilitando que uma mente amplie sua compreensão sobre objetos, fenômenos e eventos, graças ao conjunto sígnico em sua complexidade de semiose, portanto a linguagem é constituída de signos, os quais ativam a cognição, gerando significação para alguém, devido à sua capacidade e funcionalidade de estar no lugar dos objetos, dos fenômenos e dos eventos tratados. Portanto, o plano da expressão, através do composto semântico que lhe compõe, é capaz de gerar sentido, já que seus componentes manifestam um conteúdo imediato através da imanência do seu significado, porém, sem o processo de discursividade, não é possível acessar o plano do conteúdo de modo pleno, direcionado às substâncias presentes, total ou parcial.

Palavras-chave: Tratamento da informação; Plano da Expressão; Análise conceitual; Modelo de Interpretação; Discurso.

Abstract: Language materializes information and gives meaning to it. Information takes a form that is susceptible to interaction because semantic elements are bounded; thus, utterances are constituted. In this perspective, the aim of this study is to analyze some theories of language with the aim of exploring their foundations to show ways to corroborate the constitution of a theory of interpretation, at least to debate some initial foundations and thus present the differences in analysis aimed at exploring the expression and content. To achieve this, a qualitative, exploratory methodology was applied, since it seeks to highlight the theoretical foundations of the theories explored. It is also characterized as a bibliographical research, whose aim is to constitute the state of the art of interpretation through critical analysis. Language acts as a dynamo of signification, enabling a mind to broaden its understanding of objects, phenomena and events, as a result of the sign set in its complexity of semiosis. Therefore, language is made up of signs, which activate cognition, generating meaning for someone due to its capacity and functionality to be in the place of objects, phenomena and events. Therefore, expression, through the semantic compound that composes it, is capable of generating meaning, since its components manifest an immediate content through the immanence of its meaning; however, without the process of discursivity, it is not possible to access the perspective of content to the fullest, directed at the substances present, in whole or in part.

Keywords: Information processing; Expression; Conceptual analysis; Interpretation model; Discourse.

I INTRODUÇÃO

A linguagem materializa a informação, dando a esta sentido. A informação ganha forma passível de interação à medida que elementos semânticos são vinculados e, assim, são constituídos enunciados. Os enunciados são a comunhão de elementos linguísticos, em níveis de articulação, que constituem a base estrutural de um texto, como os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos. O texto é o resultado discursivo, que engloba as camadas de saberes que inter-relacionam fatores temáticos e figurativos, em sua aspectualização, somado aos fatores de intencionalidade, fatores de pragmática, intertextualidade e interdiscursividade, além da possível presença de marcas de poder, de controle ou de ideologia. Com isso, a interpretação é a interação contínua com a informação e, principalmente, com os discursos que geram a significação dessa informação, a qual se realiza através de uma jornada cognitiva, explorando a vivência e a experiência da mente que interpreta na configuração de seu *background* – conjunto de saberes de uma mente decorrente à experiência e à capacidade cognitiva de representar a realidade.

A linguagem assume um papel fundamental na consolidação da informação enquanto esta se perfaz em unidades de sentido até alcançar a complexidade de constituir conhecimento. Assim, para que haja instrumentos de representação e mediação que estabeleçam confluência entre informação, cognição e conhecimento, estabeleceu-se a teoria do conceito, inicialmente como logopeia disposta semanticamente para estudar como o conceito espelha a realidade e afeta a mente.

Nessa perspectiva, para compreender as relações semânticas, os efeitos de sentido, a distinção entre os efeitos oriundos da expressão e o percurso gerativo, ou a ação do signo que se executam para alcançar o conteúdo, é preciso que se aplique teorias da linguagem, sejam da linha da linguística, sejam acerca dos fundamentos da filosofia. Com isso, para que se possa analisar as camadas de saberes que se perfazem na constituição de um texto e explorar os fatores que efetivem a significação, é preciso que se apresente uma teoria da interpretação.

A interpretação é resultante da correlação entre informação e conhecimento, já que a informação ativa o conhecimento, e o conhecimento, por sua vez, amplia a potência de sentido e significação da informação. Porém, esse processo não é simples, tampouco deve ser entendido como uma atividade superficial, pois entre a mente e a realidade há percalços bastante complexos para que a atividade de representação, mediação, descrição, ação e de comunicação possam ocorrer.

Desse modo, a interpretação requer a aplicação de conceitos, os quais não devem ser confundidos com nomes, já que os conceitos são complexos cognitivos, oriundos da experiência social-cultural com a realidade (Lakoff, 1998, 2018; Lakoff; Johnson, 2009), que expressam cenas, práticas, condutas, comportamentos, ações, métodos, técnicas, estratégias, objetos, fenômenos, eventos, formas de vida, sendo esses elementos compreendidos por conjuntos de linguagem, que possam ser entendidas como jogos de linguagem (Wittgenstein, 2014), os quais, muitas vezes, são sistematizados através de terminologia (Barros, 2006; Almeida, 2003, 2006), já que esta atua como um registro formal, técnico-científico em uma língua, com a função de especificar determinado conhecimento (Cabré, 1999, 2003, 2010).

A interpretação, portanto, não se limita a uma atividade de reconhecimento dos elementos linguísticos que constituem a materialização da informação, tampouco pode ser considerada fluente por indicar fundamentos conceituais na superfície do texto como indicadores do conhecimento, através de revocação temática. A interpretação é um processo complexo, que projeta a informação como ativadora de *backgrounds*. Para tanto, a linguagem é o instrumento para analisar essa ativação.

Sendo assim, é preciso destacar que os aspectos linguísticos estão alinhados à expressão, desse modo é possível, através de seus elementos, estabelecer efeitos de sentido, todavia a relação linguagem, *background*, realidade permite que esses fenômenos sejam discursivizados, assim promovendo a significação resultante de combinações de possibilidades, de outras informações, de conhecimentos já experienciados. Frente a isso, o acesso ao conteúdo é uma atividade de interpretação que não se realiza no

imediatismo, mas, sim, através de análises profundas das manifestações de sentido que um texto possa promover.

Diante desses aspectos, o objetivo deste estudo é analisar algumas teorias da linguagem com o fito de explorar seus fundamentos para apontar caminhos que corroborem a constituição de uma teoria da interpretação, ao menos debater sobre alguns primeiros fundamentos e, assim, demonstrar as diferenças de análise direcionadas a explorar o plano da expressão e o plano do conteúdo.

Para a realização deste estudo, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, exploratória, já que busca evidenciar os fundamentos teóricos das teorias exploradas, assim também se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, cujo direcionamento é constituir o estudo da arte sobre interpretação através de análises críticas, tendo em vista que a análise se realiza a partir dos conceitos que circundam aspectos de interpretação e, dessa forma, permitindo a realização de inferências e a constituição dos resultados.

Desse modo, esta pesquisa busca tratar dos elementos mínimos da constituição do texto, além dos aspectos que configuram a construção do texto como enunciado, enunciação e discurso, como também os fundamentos que evidenciam as características da expressão em sua forma linguística e as características do conteúdo em sua condição de interação, de experiência e ação, de conhecimento e de *background*.

2 ELEMENTOS MÍNIMOS DA LINGUAGEM: FATORES ESTRUTURAIS E SUA EXPRESSÃO

A informação é o elo entre uma mente e o objeto, o fenômeno, ou o evento, assim sua função é dar forma à percepção, à apreensão e ao entendimento das coisas que circundam aquelas mentes que interagem com a realidade e, desse modo, ativa o processo de cognição. A informação permite que a mente compreenda a realidade, visto que constrói elementos significativos através da linguagem, os quais estabelecem a representação

dessas coisas do mundo, por conseguinte a mediação necessária para ganhar sentido e realizar raciocínios.

Diante disso, a informação é atuante quando ganha sentido (Capurro, 1991; Buckland, 1991, 1997; Capurro; Hjørland, 2003; Araújo, 2018). Sendo assim, o reconhecimento da informação em uma atividade de compreensão entre humanos ou entre humanos e máquinas ocorre mediante à materialidade em linguagem, pois a linguagem é o recurso simbólico capaz de representar, mediar, descrever, apontar ações e comunicar sobre a realidade.

A linguagem atua como dínamo de significação, possibilitando que uma mente amplie sua compreensão sobre objetos, fenômenos e eventos, graças ao conjunto sógnico em sua complexidade de semiose, portanto a linguagem é constituída de signos, os quais ativam a cognição, gerando significação para alguém, devido à sua capacidade e funcionalidade de estar no lugar dos objetos, dos fenômenos e dos eventos tratados (Silveira, 2007; Santaella, 2008, 2020; Peirce, 2017).

Nessa disposição, a linguagem viabiliza o acesso ao conhecimento através da constituição de conceitos (Dahlberg, 1978a, 1978b; Hjørland, 2009), pois estes são capazes de fundamentar o significado das coisas do mundo e estabelecer uma espécie de modelo nuclear que, atuando como construtos, viabilizam práticas, cenas, estratégias, definições, atributos, que, quando recuperados através da correlação de signos na constituição de enunciados, promovem um efeito mental (Lakoff, 1998, 2018; Lakoff; Johnson, 2009) capaz de revelar e demonstrar como comunidades socialmente construtoras de discursos compreendem os objetos e os fenômenos e, assim, criam elementos simbólicos para representá-los aos integrantes do grupo e àqueles que se aproximam para conhecer mais sobre a dinâmica de seus construtos (Fontanille, 2008, 2016; Hjørland, 2009; Smiraglia, 2015; Barité, 2015).

A linguagem pode ser verbal e não-verbal. Por sua vez, a linguagem verbal se apresenta nas dinâmicas sociais, pois está presente na atividade corriqueira dos indivíduos (Fiorin, 2007; Mussalim; Bentes, 2011), ou seja, a relação entre sujeitos ou a relação entre sujeitos e máquinas é norte-

ada pela presença constante da linguagem verbal, pois somente ela é capaz de descrever as coisas do mundo, assim acaba sendo essencial para afetar as ações e estabelecer a comunicação (Searle, 2002). Nessa linha, a linguagem verbal se caracteriza por efetivar traços peculiares referentes à cultura de grupos sociais, assim sua manifestação ocorre através de línguas (Câmara Júnior, 1975).

Nesse propósito, as línguas são sistematizadas em estruturas basilares – perfazendo uma gramática – responsáveis pela articulação, consequentemente responsáveis pela transmissão e compreensão da informação (Neves, 2018). Assim, os elementos que fazem parte dessas estruturas pertencem à expressão de uma língua, evidenciando sua forma. Desse modo, a gramática de uma língua é constituída por fonologia, morfologia, sintaxe, as quais isoladas ou articuladas geram aspectos de significado, explorados na semântica (Bechara, 2006).

Durante muito tempo, os estudos formais acerca da estrutura da linguagem foram fundamentados em gramáticas. A gramática surge com os gregos, porém é na gramática de Port-Royal (Arnauld; Lancelot, 2001), que se estabelecem modelos de tratamento dos elementos mínimos da linguagem, assim gerando estudos à base de tradições, as quais, a partir do século XIX, foram norteadas pelos modelos de vernáculos oriundos da literatura Romântica, que refletiam os usos da língua pela burguesia e não registravam as variações linguísticas de outros grupos sociais (Faraco, 2006, 2016; Fiorin, 2007; Mussalim; Bentes, 2011).

Com o fortalecimento da linguística no cenário científico – decorrente da publicação do *Curso de Linguística Geral*, assinado por Ferdinand de Saussure, em 1916, material organizado pelos discípulos do mestre genebrino, já que Saussure não publicou em vida, deixando anotações e registros decorrentes de suas aulas – as preocupações acerca de uma abordagem científica da linguagem ganharam força (Fiorin, 2007). Saussure apresenta sua tese sobre a semiologia e qual relação esse campo do saber teria com a linguística e com a psicologia, assim apontando um elemento que merecia a atenção de seus estudos: a *langue* (Saussure, 2006).

Saussure desenvolveu, inicialmente, estudos acerca da fonética do Indo-Europeu, assim sua preocupação estava centrada em tratar a língua como sistema, pouco se dedicou a tratar sobre o processo de sentido e significação, porém evidencia o signo como ponto central da constituição de uma língua e dedica momentos do *Curso* para tratar do valor linguístico (Milani, 2016). Apresentando a dicotomia: significante – a imagem acústica mental – e o significado – o conceito – (Saussure, 2006), a semiologia estabeleceu parâmetros iniciais que se tornariam precursores para tratar os fundamentos da gramática de forma científica (Milani, 2016).

Estudos vieram na sequência, muitos voltados para os aspectos formalistas da língua, como o caso de Leonard Bloomfield (1973). Contudo, é a partir de Louis Hjelmslev, na década de 1930, que os aspectos formais da língua são vistos como condutores para se acessar o conteúdo, sendo apresentado como *funtivos* (Hjelmslev, 2013).

Hjelmslev (2013) apresenta o plano da expressão e o plano do conteúdo, assim a junção dos planos proporcionaria uma semiótica, ou seja, Hjelmslev (2013) reconhece que há a necessidade de apontar uma ação, uma evolução, uma ampliação da expressão para se chegar ao conteúdo, ou seja, a interpretação não deve se limitar à expressão, por mais que esta, consoante Hjelmslev (2013), apresente uma substância; o acesso ao conteúdo é doravante um processo semiótico.

É válido destacar que Émile Benveniste (1999, 2014, 2020) realizou um importante estudo sobre as formas mínimas da linguagem. Assim como ele, Ullmann (1966); Martinet (1968); Coseriu (1981, 1986); Fillmore (1987); Meillet (2021) apontaram contribuições importantes para que os elementos mínimos fossem estudados como objetos científicos e, assim, deixassem de ser tratados à base da tradição da gramática. Outrossim, Benveniste (1999, 2014, 2020), ao recuperar os elementos mínimos e sua atuação na sistematização de uma língua, evidenciou que há diferenças importantes entre significado e sentido, visto que este ocorre na manifestação do enunciado, bem como fatores morfológicos, como pronomes, verbos e advérbios são fundamentais para marcar a presença da enunciação na construção do discurso, de acordo com as marcas dêiticas, que posicionam na enunciação os actantes, o tempo e o espaço.

Frente a esses fatores de cunho epistemológicos, é válido destacar que não é intenção desta investigação tratar dos fatores formais das unidades mínimas, discutindo aqui fundamentações sobre fonologia, morfologia e sintaxe, mas, sim, tratar de estratégias de interpretação que envolvem as unidades mínimas, já que elas são a base para a construção do enunciado.

Além disso, é necessário ressaltar o porquê a informação se materializa em linguagem, já que entre o fenômeno e a interação entre mentes para a sua compreensão, há a incidência de sons, que determinam oralmente a diferença entre um signo e outro, até alcançar merismas, características mínimas da articulação vocal de um fonema (Benveniste, 1999, 2014), visto que a diferença entre [pato] e [bato] é a substituição do fonema [p] pelo fonema [b], uma mudança em que há fatores de ordem morfológica e sintática, já que substitui um objeto pelo outro e esses se encaixam na organização da sentença, no caso, da palavra. Por outro lado, o que diferencia [p] de [b] como fonemas são merismas, já que [p] é um fonema de característica oclusiva bilabial voseada, enquanto [b] é oclusiva bilabial não voseada (Bechara, 2006).

Além disso, os aspectos da forma atrelados à fonologia possibilitam efeitos de sentido, sejam decorrentes ao registro variacional do falante que caracteriza fatores culturais, sociais na constituição linguística de sua expressão comunicacional, sejam as figuras de linguagem do campo da harmonia, em destaque a aliteração de consoantes, assonância de vogais, a paronomásia, o eco e a onomatopeia, somado aos efeitos rítmicos presentes em poesias, bem como a rima. Outro fator importante nos aspectos da sonoridade responsável por criar efeitos de sentido na expressão é a melopeia, situação em que a combinação de sons é capaz de criar uma imagem.

Frente a isso, observa-se a seguinte situação:

I. tique-taque.

A onomatopeia tique-taque é uma expressão cujo conteúdo imediato, ou melhor, a forma do conteúdo (Hjelmslev, 2013) é o som de um relógio, porém não é possível evidenciar qual relógio, quais são as circuns-

tâncias desse som, se o som é apenas resplandecente no ambiente, ou há sujeitos interagindo com o som, entre tantas outras possibilidades que é impossível resgatar, visto que a informação não está discursivizada.

Os recursos sonoros presentes na composição de sua expressão remetem à passagem do tempo, porém esse aspecto está atrelado às sensações oriundas do som proferido pela engrenagem do relógio, como também a mudança do fonema vocálico [i] para o [a]. A vogal [i] é uma vogal alta, posterior e fechada, enquanto a vogal [a] é uma vogal baixa, central e média (Bechara, 2006), ou seja, quando os fonemas que compõem “tique-taque” são proferidos, há uma sensação de boca fechada, decorrente da vogal [i], para a sensação de boca aberta, devido à vogal [a], assim o próprio movimento da boca faz analogia a uma engrenagem se mexendo em uma transformação de movimento, devido à sensação de um movimento mecânico de abrir e fechar do maxilar.

Nessa outra ocorrência:

II. “ao longe, o vento vai falando de mim”.

Nesse verso, da poesia *4º motivo da rosa* (Meyreles, 2001, p. 71), da poetisa brasileira Cecília Meyreles, reconhece-se uma aliteração advinda dos fonemas consonantais [l], [v], [f], [n] e [m], os quais promovem uma melopeia, ou seja, o som efetiva a sensação imagética do vento. É válido destacar que a assonância das vogais [a], [o], [e] e [i] oferecem a sensação de leveza, como se a vogal [a] representasse um objeto leve flutuando para cima, enquanto a nasalização das vogas [o] e [e] em sequências criam a imagem de voo e, por sua vez, a vogal [i] representa uma extensão, uma projeção ao infinito.

Nesse conjunto sonoro, dividido em quatro seguimentos rítmicos: 1. [ao longe]; 2. [o vento]; 3. [vai falando]; 4. [de mim], as consoantes [l] e [n] presentes no primeiro seguimento e repetidas no terceiro provocam a sensação de leveza e extensividade. Além disso, nos seguimentos dois e três, em que ocorre a apresentação do tema do verso “vento”, a aplicação dos fonemas [v] e [f] – fricativas linguodentais vozeada [v] e não-vozeada

[f] (Bechara, 2006), efetivam a melopeia do vento, enquanto o conjunto de vogais e o verbo no gerúndio criam a sensação do vento passando.

Por mais que a expressão sonora promova grandes contribuições para a leitura e interpretação do poema, é preciso a correlação do enunciado e dos discursos para explorar com mais profundidade o conteúdo da poesia, pois essa análise viabiliza a forma e a substância do plano da expressão.

No próximo seguimento:

III. “seus lábios são labirintos”.

Nesse verso, da canção *Refrão de um Bolero* (Refrão..., 1991), do grupo musical *Engenheiros do Havai*, reconhece-se a aliteração dos fonemas consonantais [s], [l], [b], como também o eco [labi-] e a assonância das vogais [a] [e/i], [o/u]. Essa sequência permite que a frase que apresenta como sujeito a palavra *lábios* crie uma melopeia em que ocorre a sensação imagética de um beijo, devido a posição do aparelho fonador enquanto os fonemas são pronunciados. De fato, os fatores sonoros contribuem para a composição morfossintática, já que há uma informação metafórica de que os lábios são labirintos, permitindo a interpretação parcial de que os beijos pertencentes a quem o eu-lírico canta a canção, representam uma aventura e um desafio, pois, depois dessa entrega, o eu-lírico não sairá ileso.

Entretanto, realizar esse tipo de interpretação, sem estabelecer critérios de verificação de como o plano da expressão percorre até o conteúdo, é estabelecer uma análise parcial, característica de uma abordagem heurística, estágio inicial dos processos de interpretação, marcado pela construção de hipóteses e necessidade de fundamentação da coerência entre estágio virtual da significação e o estágio real.

Os exemplos evidenciam casos recorrentes na linguagem literária, em que o uso do plano da expressão vinculada à sonoridade corrobora a construção dos efeitos de sentido do poema, porém é importante destacar que, por se tratar de uma linguagem plurissignificativa, a literatura permite vários estágios de interpretação e, por isso, torna-se interessante estabelecer critérios para destacar as marcas da expressão e quais fundamentos permi-

tem alinhá-los ao conteúdo, que transita do estágio da heurística para a hermenêutica, aplicação filosófica que verifica os fundamentos aplicados à significação que possibilita acesso ao conteúdo (Gadamer, 1997).

De todo modo, é importante evidenciar que analisar as partes de um texto amplia a abordagem heurística, direcionando às práticas da hermenêutica, contudo não significa que a interpretação é plena, ou melhor, não assegura o acesso ao conteúdo, pois é necessário explorar o enunciado, o contexto e os elementos discursivos presentes na produção da significação (Gadamer, 1997).

Ademais, a partir da oralidade, os grupos sociais desenvolveram a escrita, assim surgiram as palavras. As palavras pertencentes a uma língua são denominadas léxicos (Dubois *et al.*, 1998). Os estudos sobre os léxicos são conduzidos pela lexicologia, lexicografia e morfologia (Dubois *et al.*, 1998). Por sua ordem, a lexicologia estuda a natureza da palavra, seu registro, sua posição no estrato social e, alinhado à etimologia, a origem da palavra, assim permitindo compreender como se constitui o significado (Dubois *et al.*, 1998). A lexicografia é responsável pela dicionarização da palavra, assim permitindo seu agrupamento, seja através da correlação semântica, seja devido à composição da família cognata (Dubois *et al.*, 1998). Já a morfologia estuda a função das palavras, ou seja, a qual classe de palavras pertence, como substantivo, verbo, pronome etc., além de analisar seu desenvolvimento, ou seja, aspectos vinculados à derivação e à composição das palavras (Dubois *et al.*, 1998).

Evidentemente que toda palavra apresenta uma forma e um conteúdo. Essa forma é constituída de fonemas e letras, e o conteúdo é o significado (Hjelmslev, 2013), ou seja, uma descrição inicial sobre a representação da realidade, isto é, funções semânticas estabelecidas social e convencionalmente para que uma determinada palavra cumpra em seu estado latente.

Por mais que semanticamente o significado apresente um conteúdo, este não deve ser confundido com o conteúdo que a palavra assume quando inserida em um enunciado, o qual devido à aplicação de um contexto, de uma intencionalidade e de uma correlação entre as palavras, promovendo uma aspectualização temática e/ou figurativa projetada em um discurso

(Fontanille, 2008, 2015), permite o efeito de sentido e a constituição da significação, os quais não são resultados imediatos de elementos mínimos, mas, sim, resultantes de um processo discursivo-semiótico.

Destaca-se, como exemplo, o léxico *maçã*. *Maçã* é um substantivo simples, comum, concreto e primitivo (Bechara, 2006). É um léxico que nomeia uma espécie de fruto, oriundo da macieira, uma árvore cuja denominação é derivada da palavra *maçã*. É possível estabelecer relações semânticas com suas propriedades, como casca, polpa, sementes, ou ainda com a cor de sua casca: vermelha, verde; bem como seu tipo: argentina, fuji, royal, gala etc. Também é possível aplicar o denominado campo semântico e estabelecer *maçã* como fruta, como alimento, como bebidas etc., ou ainda, como meronímia, relacionar *maçã* a produtos de limpeza, devido ao aroma, ou como elementos que se vendem no mercado, por exemplo.

Esses fatores apresentados podem ser estudados pela lexicologia, lexicografia e morfologia. Entretanto, o conceito *maçã* pode remeter-se à tecnologia, à física, à mitologia, à religião, pois o objeto *maçã* foi inserido em contextos diversos ampliando a significação do conceito, ou seja, a expressão *maçã* não representa, sem o advento do discurso, o conteúdo, pois somente as marcas contextuais podem evidenciar qual dos diversos sentidos está sendo aplicado.

Desse modo, fica claro que organizar a informação utilizando apenas formas mínimas, como o léxico, é passível de não efetivar os traços de sentido e significação suficientes para evocar o conceito, pois o apontamento do léxico vem a evidenciar o significado decorrente do plano da expressão e do plano do conteúdo constituído de modo genérico, dicionarizado, perdendo, assim, os diversos desdobramentos da significação.

No seguinte exemplo:

IV. Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte, é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (Andrade, 2010, p. 66)

Nessa poesia, escrita pelo poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, observa-se que as palavras *Itabira* e *ferro* são as que aparecem com mais frequência ao longo do corpo do texto. Há a recorrência de seis aparições da palavra *Itabira* ou de suas derivações como *itabirano* ou *itabirana* e há quatro aparições da palavra *ferro*, entretanto o texto não tem como tema central o *ferro*, e *Itabira*. Embora seja parte do assunto, é, na verdade, o contexto para que o eu-lírico apresente sua condição de vida, assim o tema central é a vida do eu-lírico, morador de Itabira, que é reconhecido pela desinência número-pessoal dos verbos, isto é, não há a presença no enunciado de palavras que marquem o eu-lírico, assim na contagem de frequência de palavras que aparecem na expressão, não seria contabilizado o tema central.

Frente a isso, reconhece-se que o plano da expressão apresenta as palavras, porém não é a frequência de sua aparição no enunciado que estabelece o tema central ou efetiva o acesso ao conteúdo. Evidentemente que esses fatores recuperados no plano da expressão são fundamentais para estabelecer o percurso dos estágios da heurística e hermenêutica para acessar o conteúdo, todavia não se pode entender como um ato imediato.

Outro elemento mínimo, pertencente à gramática de uma língua é a sintaxe. A sintaxe é responsável pela organização dos termos em uma frase, assim constituindo uma sentença. Somado a isso, é na sintaxe que ocorre a cópula, aspecto da lógica em que há a ampliação semântica do objeto devido à relação entre o sujeito e o predicado, ou melhor, a valência verbal articula a ação da informação fazendo que o predicado, também visto como atributo, seja alinhado à referência do objeto, ampliando seu sentido.

Especialistas alinhados à lógica, como Carnap (1937, 1943, 1948); Frege (1984, 2002, 2009); Wittgenstein (2014); Peirce (2017) apontam a importância da construção sintática para constituição da informação, pois efetiva a proposição, ou seja, há mecanismos linguísticos para efetivar o raciocínio. De fato, desde Aristóteles, a lógica é marcada pela relação sintática, efetivando os fundamentos e os atributos presentes nas sentenças e a aplicação de uma síntese cruzando os resultados, como ocorre em: *Todo homem é mortal*, em que o predicado ‘mortal’ constitui um atributo ao sujeito ‘homem’.

Em sua linha, Chomsky (1976, 1979, 2009a, 2009b, 2014, 2018a, 2018b) evidenciou a sintaxe como elemento fundamental da construção do processo gerativo da gramática universal, assim apontou que o fundamento sintático é um recurso inato, portanto ontogenético da raça humana, sendo responsável pelo diferencial na construção do sentido.

De todo modo, a sintaxe é um recurso linguístico fundamental para a complexidade da informação, portanto há a incidência da lógica, por isso é um fundamento tão explorado na filosofia da linguagem.

Por outro lado, estudos tradicionais construíram uma noção equivocada acerca da sintaxe, ou seja, tratando esse processo linguístico como gerador máximo do sentido, além de entender a frase como unidade fundamental da proposição. De fato, os estudos de Chomsky (1976, 1979, 2009a, 2009b, 2014, 2018a, 2018b) e Frege (1984, 2002, 2009) corroboraram esse equívoco, pois leituras superficiais das teorias apontaram coincidências no tratamento da sintaxe. Em sua concepção sobre a linguagem, Chomsky (1976, 1979, 2009a, 2009b, 2014, 2018a, 2018b), ao apresentar a concepção do *parsing*, aponta a sintaxe como recurso transformacio-

nal na geração do sentido, e Frege (1984, 2002, 2009) estabelece a relação entre sentido e referência, porém as duas teorias são bastante complexas e não devem ser vistas de modo reduzido alinhado à constituição da frase.

Assim, observa-se o exemplo:

V. O rei da França é careca.

Nesse exemplo famoso nas discussões sobre sentido e referência, apresentados por Frege (1984, 2002, 2009), sob aspectos da gramática gerativa, há a incidência da informação careca para ampliar a intensividade informacional sobre o rei da França, possibilitando que o leitor saiba que um dos atributos desse rei é ser careca. Já na teoria do Frege (1984, 2002, 2009), essa frase não pode ser entendida como uma expressão passível de sentido, pois a referência não existe, isto é, a França por ser uma república, não possui rei. Assim, enquanto uma abordagem está vinculada ao sentido proposto pelos aspectos linguísticos, a outra não se satisfaz, pois em confronto com o extralinguístico percebe que não é possível haver sentido, já que a construção não corresponde à realidade.

Estudos sobre o enunciado, encabeçados por Beaugrande e Dressler (1997); Van Dijk (2019, 2020); Drucot (2020) demonstram que a sintaxe é importante para a geração do sentido, como apontaram Chomsky (1976, 1979, 2009a, 2009b, 2014, 2018a, 2018b) e Frege (1984, 2002, 2009), cada um a seu modo, todavia há uma relação entre as frases na composição do enunciado, que as teorias lógica e transformacional não levaram em consideração. Van Dijk (2019, 2020) estabelece a diferença entre microestruturas e macroestruturas, ou seja, microestrutura estaria para os elementos mínimos: fonologia, morfologia e sintaxe; macroestrutura, por sua vez, volta-se para a composição dos parágrafos e do texto como um todo, ou seja, o sentido construído no bojo do enunciado.

Frente a esses apontamentos, os elementos que compõem a frase são pertencentes à expressão, o resultado da sintaxe, como mecanismo gerativo apresenta acesso ao conteúdo, contudo esse conteúdo é particular, pois caracteriza a compreensão de uma frase, ou seja, há acesso somente ao con-

teúdo da sentença e isso não deve servir como suficiente para representar o conteúdo de texto como o todo.

A frase, por seu turno, não é empregada sozinha, isolada, marcada apenas pelos elementos presentes na sua estruturação. Se assim fosse, o fluxo informacional construído poderia produzir resultados incompatíveis com a realidade. De fato, a frase, como sentença, constitui um enunciado e, assim, está inserida em um discurso, ancorada em um contexto e marcada por registros de intencionalidade e aspectualização. Portanto, os resultados semânticos advindo de uma análise da proposição sob viés sintático não deve ser interpretado como o conteúdo pleno.

Em suma, os elementos mínimos são necessários e fundamentais para a composição do texto, visto que como elementos mínimos são responsáveis por sistematizar a estrutura textual que consolida o enunciado para que este possa atuar como arena da significação, já que estabelece as articulações entre os elementos e ampliando o sentido, pois, nessa correlação que cresce, ocorre a tessitura dos elementos, através da progressão temática, ou seja, as unidades estabelecem redes semânticas mais complexas, atualizando os sentidos e dinamizando sua aplicação conforme contexto, intencionalidade, focalização e aspectualização, fator que, alinhado ao contexto, gera cadeias semânticas.

Desse modo, uma proposta de interpretação deve articular ferramentas, práticas e métodos para averiguar os elementos da expressão nos seus estágios de imanência, conforme aponta Hjelmslev (2013) para criar um recurso hermenêutico de verificação das condições significativas do enunciado, para, assim, sistematizar as camadas de saberes que se aplicam a esse enunciado na configuração da enunciação e na construção dos discursos.

3 O ENUNCIADO E A CONSTRUÇÃO SEMÂNTICA: OS ELEMENTOS DA EXPRESSÃO E DO CONTEÚDO

A informação é conduzida para a interpretação na consolidação de um enunciado, pois é no enunciado que o fluxo informacional ganha direcionalidade, visto à constituição de sentenças, à base de elementos lin-

guísticos, responsáveis pela dinâmica da tessitura de um texto, ou seja, a constituição de enunciado conduz a informação para a construção do sentido, ou seja, sem o enunciado, a informação não se sistematiza para que uma mente possa apreendê-la.

De fato, muitas informações podem ser transmitidas ao se utilizar apenas uma frase, na formatação de um período simples, todavia é importante destacar que essa frase isolada na enunciação compõe um conjunto maior de informações que é o contexto. Desse modo, a informação sozinha não compõe o sentido, mas, sim, o sentido é decorrente de um conjunto informacional já articulado e presente na constituição da experiência dos interlocutores. Por isso, a produção do sentido no fluxo informacional depende de fatores cognitivos, os quais ativam conhecimentos que compõem o *background* de uma mente (Lakoff, 1998, 2018; Lakoff; Johnson, 2009).

Nesse sentido, é importante refletir sobre os fundamentos linguísticos e conceituais que consistem na efetivação de um enunciado, por conseguinte como este se configura em texto. Pode-se compreender texto como conjunto de elementos de sentido e de recursos em que ocorrem os procedimentos de significação, isto é, o texto é a complexa organização dos saberes necessários para que os interlocutores se posicionem e, assim, possam manifestar a condução de fatores linguísticos, extralinguísticos, discursivos para promover a semiose, por conseguinte a significação. Para Fontanille (2019, p. 85), texto é “[...] aquilo que se dá a apreender, o conjunto dos fatos e dos fenômenos que ele presta a analisar”, assim ocorre a identificação das “[...] primeiras microfiguras do plano da expressão”, as quais “[...] não são ainda unidades discursivas, porque elas não são necessariamente pertinentes de uma interpretação semântica”, visto que essa camada textual apenas oferece a forma do conteúdo semântico advindo da imanência de suas partes.

Esse conjunto de microfiguras apresenta uma união de fenômenos ao mesmo tempo. Sendo a aplicação de elementos linguísticos para fundamentar a sua base, os fatores na manifestação da enunciação e a construção de fatores manifestados e manifestantes que permitem o reconhecimento daquilo que está na tessitura do texto. Esses elementos também emitem marcas daquilo que é implícito, pois há elementos lógicos que perfazem

o entendimento acerca do que é pertencente à realidade, à ficção ou à construção de hipóteses sobre a existência das coisas, as quais podem ser pensadas, pois são discursivizadas.

Diante disso, o discurso é “[...] um conjunto de proposições organizadas; o discurso concebido como o produto de uma enunciação”, ou melhor, a complexidade da substância do conteúdo ocorre na semiose doravante ao discurso, pois este trata-se de “[...] um conjunto cuja significação não resulta da simples adição ou combinação da significação de suas partes” (Fontanille, 2019, p. 86).

Desse modo, o texto não deve ser entendido como mero conjunto de frases e de sentenças, constituídos pela aplicação dos elementos mínimos da gramática de uma língua. Outrossim, o texto é a materialização da informação, sistematizando as diretrizes do fluxo informacional, tanto o que está manifestado no enunciado, como aquilo que é manifestante na enunciação e nas camadas de saberes que perfazem o contexto e o discurso.

Sendo assim, há o enunciado, uma das esferas que compõem o texto, ou melhor, a esfera em que se manifesta o linguístico e o lógico, por isso, muitas vezes, texto e enunciado são tratados como sinônimos, além da confusão de que a expressão do enunciado é o próprio conteúdo.

O enunciado é a esfera em que ocorre a tessitura textual, por conseguinte a progressão temática é uma camada na qual os aspectos semânticos são constituídos decorrentes da sistematização morfossintática, ou seja, é a camada em que se configuram as sentenças e ocorre a construção das proposições, exposições, descrições e dos argumentos, estabelecendo a coesão e a coerência, permitindo a conexão entre os elementos linguísticos e constituir campos semânticos ou rede semânticas dependendo dos modais presentes no enunciado.

Observando o exemplo a seguir:

VI. Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

(Alencar, 2006, p. 26)

Esse excerto pertence ao livro *Iracema*, do escritor brasileiro José de Alencar. Trata-se do início do capítulo II, onde ocorre a apresentação da protagonista da obra que leva como título o seu nome *Iracema*. Esse recorte (Alencar, 2006, p. 26) apresenta a composição de um enunciado, composto por elementos mínimos da gramática da língua portuguesa. Esse exemplo apresenta um conjunto de informações que são reconhecidas nas marcações linguísticas, porém há fatores que são recuperados devido ao contexto e ao conhecimento de mundo do leitor. Explorando os fatores linguísticos presentes no enunciado, é possível reconhecer de imediato que há a apresentação da personagem devido a composição da primeira sentença, em que evidencia o nascimento, fazendo uso do verbo, e finaliza com a apresentação do nome: *Iracema*.

O segundo parágrafo é iniciado pelo nome *Iracema* e, na sequência, utilizando-se de apostos e símiles – figura de linguagem que efetiva a comparação -, *Iracema* é comparada à natureza. Assim, a rede semântica se constitui com a correlação de palavras como *mel*, *asa da graúna*, *talhe de palmeira*, *favo da jati*, *baunilha*, *bosque*, *corça selvagem*, *sertão*, *matas do Ipu* e *verde pelúcia*. Além disso, na composição sintática, além dos apostos, há o uso recorrente de oração subordinada adjetiva explicativa: ambos os recursos sintáticos são aplicados com a função de ampliar a caracterização do sujeito.

Nessa dinâmica, a rede semântica construída efetiva uma extensividade informacional sobre *Iracema*, somada ainda à informação de que ela pertencia a uma guerreira tribo, a *grande nação tabajara*. Frente a isso, observa-se que o enunciado é responsável por direcionar as práticas de interpretação, no entanto não o é suficiente, pois é necessário distinguir as figuras e os temas presentes e como se estabelecem no contexto para efetivar a

significação, ou seja, como esses fatores são discursivizados para possibilitar o reconhecimento da aspectualização, da focalização e da intencionalidade.

Desse modo, fica claro que uma análise presa ao enunciado, é, portanto, uma análise que se apega ao sentido manifestado apenas no plano da expressão. Nessa linha, deve-se entender que, ao realizar a leitura do excerto, é possível entender um pouco sobre *Iracema* personagem, mas não expressa praticamente nada do que acontece em *Iracema* livro, ou seja, analisar o enunciado e sua expressão é recuperar informações importantes, contudo não são suficientes para compreender o livro como um todo.

Nessa perspectiva, é válido refletir melhor sobre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Inicialmente, trata-se de uma construção conceitual de Hjelmslev, na década de 1930, desenvolvida em sua obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, Hjelmslev (2013) busca discutir sobre a semiótica, como efeito de significação, assim explorando em sua Glossemática processos denominados metassemiótica, a qual é constituída por dois *funtivos*: plano da expressão e plano de conteúdo.

De fato, Hjelmslev (2013) indica que esses *funtivos* são uma evolução da concepção de Saussure sobre o signo, ou seja, o plano da expressão seria a evolução do significante e o plano do conteúdo, do significado. No entanto, não se deve entender como uma correlação imediata, já que Hjelmslev (2013) apresenta uma discussão sobre a forma e a substância, assim efetivando a forma e a substância da expressão e a forma e a substância do conteúdo.

Nessa construção, Hjelmslev (2013) indica a necessidade de se analisar esses elementos no nível de imanência de cada um. Somado a isso, é possível estabelecer o plano da expressão como elementos da fonologia e do conteúdo como elementos associados à semântica, pois a forma da expressão está para os fonemas, e a substância da expressão para a formação das palavras; já a forma do conteúdo seria a composição morfológica, enquanto a substância do conteúdo seria o resultado da interpretação advinda da metassemiótica (Hjelmslev, 2013).

Outrossim, esses fundamentos foram aplicados à semiótica de linha francesa através dos estudos de A. J. Greimas. Assim, Greimas (1966) apre-

senta o percurso gerativo do sentido, o qual através da análise dos três planos: profundo – em que ocorre a aplicação do quadrado semiótico, através de uma composição lógica e aplicabilidade sintática, chega-se a um resultado semântico -, o qual é atrelado ao segundo plano: narrativo – em que ocorre a modelização dos elementos da narrativa, destacando os fatores de manipulação e competência, em que os modais *saber, fazer, querer, poder* e *ser* são diretrizes para os aspectos tímicos na performance dos sujeitos e objetos que desencadeiam a sanção final (Fiorin, 2007). Desse modo, esses modais perfazem o processo de aspectualização apresentando o terceiro nível: o discursivo, as figuras e os temas que, ao serem discursivizados, apresentam o conteúdo do texto analisado.

Nessa linha, Greimas e Fontanille (1993) buscam sistematizar a concepção de expressão como recursos gerais que compõem a informação, e conteúdo como o resultado realizado da significação. Fontanille (2008, 2015, 2016) apresenta o percurso gerativo da expressão, o qual é através das cenas práticas que se evidenciam as formas de vida, ou seja, trata-se de um percurso composto por seis níveis de pertinência: signo-figura, texto-enunciado, objeto, prática, estratégica e formas de vida. Cada nível é analisado pelo nível de imanência correlativa ao conjunto de elementos presentes na expressão de cada nível, assim permitindo que em um processo de aspectualização das figuras e dos temas em congruência na configuração discursiva seja possível alcançar o conteúdo.

Frente a essas abordagens, fica claro que a análise imediata das informações permite o acesso à expressão, por mais que explore diversos fatores de sua imanência, contudo esses objetos figurativos iniciais não são discursivizados, portanto não alcançam o conteúdo, ou ainda, esses resultados semânticos não são suficientes para promover a semiose, já que não apresentam todos os fatores que constituem o raciocínio, conseqüentemente não permitem que uma mente tenha acesso a todos os fatores informacionais que poderiam ativar conhecimentos, em outras palavras, o *background* do texto não foi explorado.

Apontados esses fatores, deixa clara a importância de pensar o processo de interpretação como camadas de saberes, pois a dinâmica entre recursos que provocam sentido e geram a significação é bastante complexa.

A conexão entre enunciado e discurso é fundamental para a constituição da valência das figuras e dos temas que compõem a aspectualização, ou seja, a conexão entre esses elementos consiste um cinturão semântico na esfera do enunciado, permitindo que se aplique fundamentos da coesão e da coerência, os quais são responsáveis pela efetividade da isotopia.

Greimas e Courtés (2016, p. 276) definem isotopia como “a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática”, proporcionando atributos semânticos, “[...] que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade”, assim possibilitando uma “[...] leitura uniforme do discurso, tal como resulta das leituras parciais dos enunciados que o consistem, e da resolução de suas ambiguidades que é orientada pela busca de uma leitura única” (Greimas; Courtés, 2016, p. 276). A aplicação da isotopia no propósito de interpretação é fundamental para estabilizar a informação em um fluxo temático ou figurativo que garanta a sua uniformidade.

Entretanto, antes de aprofundar como a concepção de isotopia promove a relação de congruência na análise do enunciado na relação com o discurso, é importante destacar como a Linguística Textual analisa os elementos de coesão e de coerência.

Assim, entende-se que coesão é o mecanismo linguístico, manifestado na superfície do enunciado, responsável por garantir que a progressão temática e argumentativa se efetue decorrente de uma união, promovendo uma unidade capaz de efetivar as partes do enunciado na construção do fluxo informacional. Sendo assim, a coesão está atrelada aos fatores linguísticos, pois sua dinâmica está vinculada aos fatores morfossintáticos, ou seja, a correlação entre substantivos, a substituição de referentes pelo pronome, a condução da frase pelas conjunções e pelos operadores argumentativos, fatores que podem interferir na constituição da enunciação, já que revela fatores dêiticos na relação enunciado, enunciador, enunciatário e discurso.

Segundo Koch (2018a, p. 45), coesão é vista como “[...] o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos”. A coesão é responsável pela unidade linguística que se perfaz no enunciado

e que permite que a informação se interlaça através dos direcionamentos pelos aspectos referenciais e sequenciais.

Outrossim, a coesão pode ser classificada como coesão referencial e coesão sequencial. A coesão referencial é responsável pela manutenção do tema durante a progressão temática e pode acionar mecanismos como substantivos, pronomes, adjetivos, desinências verbais para garantir que os referentes apresentados nas sentenças sejam recuperados nas frases que seguem, apresentando fatores de relação de anáfora e catáfora para a projeção ao correferente, ou seja, um termo que se efetiva como referente em momentos distintos na construção do enunciado (Koch, 2018a, 2018b). Desse modo, ocorre o fenômeno de anáfora quando o enunciado apresenta um referente e um remissivo; enquanto o fenômeno de catáfora ocorre uma disposição inversa, ou melhor, há a presença de um remissivo, depois há a presença do referente (Maingueneau, 1996).

Analisando o seguinte exemplo:

VII. Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque. (Trevisan, 2001, p. 272)

Esse excerto compõe o conto *Uma vela para Dario* (Trevisan, 2001, p. 272), de Danton Trevisan, escritor brasileiro. Esses dois parágrafos demonstram a aplicação da coesão em progressão anafórica, em que Dario, protagonista da história, inicia o primeiro parágrafo, portanto há a presença do referente, na sequência um conjunto de informações atuam como remissivo, em destaque o verbo *dobrou*, visto que a frase em que esse verbo é núcleo não possui sujeito marcado no enunciado, mas devido à desinência número-pessoal – terceira pessoa do singular – e a progressão temática, permite reconhecer uma elisão do sujeito, que no caso é Dario, assim como ocorrem com os verbos *diminuiu* e *encostando-se*.

No final do primeiro período do primeiro parágrafo, surge a informação de uma parede de uma casa, na sequência de progressão anafórica, no segundo período ainda no primeiro parágrafo, a parede é recuperada pelo pronome pessoal remissivo *ela*, enquanto *Dario* é recuperado pelos verbos *escorregando* e *sentou-se*. No segundo parágrafo, em seu primeiro período, é o pronome pessoal *no* que atua como remissivo de *Dario*. Já no segundo período, *Dario* se repete com a finalidade de ajustar o referente na progressão temática, e o verbo *moveu* efetiva uma nova elisão do referente, como também ocorre na frase seguinte, já que o termo *dele* cuja função é complemento nominal de *resposta* não está marcado no enunciado.

A coesão também pode ser aplicada em construções mais complexas, explorando interdiscursos, ou seja, trazer para o enunciado a presença de algo que não está mencionado no cotexto, mas é possível inferir devido ao contexto, assim quando há fatores presentes no cotexto suficientes para promover a análise da expressão é denominado de endofórico e quando é necessário recuperar na extensão do contexto, mas não vem marcado no enunciado é denominado de exofórico (Koch, 2018a, 2018b; Maingueneau, 1996)

Por exemplo:

VIII. Corrida pra vender cigarro
Cigarro pra vender remédio
Remédio pra curar a tosse
Tossir, cuspir, jogar pra fora

Corrida pra vender os carros
Pneu, cerveja e gasolina
Cabeça pra usar boné
E professar a fé de quem patrocina

Eles querem te vender
Eles querem te comprar
Querem te matar a sede
Eles querem te sedar

(Terceira..., 2001)

Nesse excerto, da canção *Terceira do Plural* (Terceira..., 2001), da banda Engenheiros do Havai, há um cinturão semântico constituído com a ajuda da coesão. Na primeira estrofe, a palavra que aparece no final do verso é repetida no início do verso seguinte. Além disso, é preciso fazer uso da catálise – fenômeno linguístico-discursivo que recupera todo um discurso construído em outro momento através de uma palavra ou sentença – para saber que se trata de produtos comercializáveis e símbolos do capitalismo, visto que estão relacionados a negócios que giram em torno de corridas de automóveis, em que os principais patrocinadores são empresas de cigarro e de fármacos.

De fato, para que esse efeito exofórico seja compreendido é preciso explorar a construção do discurso, já que as figuras são tematizadas, como *corrida, cigarro e remédio* (figuras) representando os interesses capitalistas nas propagandas (tema). Outro ponto que merece destaque na construção do sentido, é que o enunciado apresenta, na terceira estrofe, a constante presente do pronome pessoal *eles*, que devido ao fato de não ter sido mencionado no enunciado faz crer que se trata de uma catáfora, no entanto o referente não aparece no enunciado ao longo da canção, deixando a interpretação para os elementos discursivizados.

Por sua vez, a coerência é o cinturão semântico responsável pela constituição de uma cadeia de sentidos no plano da expressão e é responsável por iniciar sua transição para o plano do conteúdo, ou melhor, a coerência permite compreender a relação entre as partes do enunciado e a relação do enunciado com o contexto, efetivando a congruência entre enunciado, enunciação e discurso. Consoante com Koch, (2018a, p. 52) coerência é como “[...] os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”.

Além disso, é graças à coerência que a aspectualização ganha forma e na relação sintaxe-semântica se efetiva a isotopia. Assim, elementos como conhecimento de mundo e partilhado, focalização, intertextualidade, aspectualização, relevância, consistência direcionalidade, intencionalidade, inferência e aceitabilidade são fundamentais para que a coerência se realize.

Analisando o seguinte exemplo:

XIX. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu. (Pessoa, 1993, p. 76)

Nesse poema do poeta português Fernando Pessoa, há uma construção semântica que efetiva a progressão temática e, por conseguinte, a coerência. Observa-se que há a relação *Mar Português* com as Grandes Navegações portuguesas dos séculos XV e XVI, isso evidencia o conhecimento de mundo. Inicialmente, o eu-lírico clama pelo mar, chamando-lhe de *mar salgado*, na sequência questiona metaforicamente a porção de *sal* que o constitui, sendo esse decorrente das *lágrimas* daqueles que sofreram, sejam as *mães*, as *noivas*, os *filhos*, sejam os marinheiros, fator que está presente no conhecimento compartilhado.

Nessa construção do enunciado, *sal* conecta semanticamente às palavras *mar* e *lágrimas*, assim como o substantivo *lágrimas* e o verbo *chorar* constituem um campo semântico, bem como o substantivo *noivas* e o verbo *casar*. Na sequência, a frase *passar além do Bojador* faz alusão ao Cabo da Boa Esperança, um dos primeiros lugares conquistados pela coroa portuguesa no processo de expansão marítima. Ademais, o substantivo *dor* estabelece uma relação semântica com *lágrimas* e, assim, a cadeia semântica frente às conquistas além-mar vai se construindo.

Somado a isso, a presença das palavras *perigo* e *abismo* constituem uma relação de intertexto por alusão às histórias medievais de fim do mun-

do, onde havia grandes perigos e monstros marinhos nos confins do mundo, mais uma vez o elemento de conhecimento partilhado, além de várias figuras, estabelecem critérios para aspectualização temática das conquistas de Portugal, como sofrimentos e descontentamentos dos portugueses.

Por fim, como menção à vitória, a relação semântica entre Deus e céu, propondo já no plano do conteúdo que valeu a pena passar pela dor, pelos perigos e pelo Bojador, pois o mar é espelho do céu, uma metáfora para demonstrar o grande alcance dos portugueses, demonstrando a intencionalidade do poeta, bem como aspectos da focalização e do direcionamento da poesia em que retrata a dor (portugueses na condição humana), os desafios, a coragem e as conquistas portuguesas (portugueses na condição divina, como retratado por Camões em *Os Lusíadas*).

Outro ponto essencial para o estudo do enunciado é a progressão temática e como, na construção de sua tessitura, ocorre a disposição dos temas e sua sequenciação. Trata-se de como a informação amplia sua referência, ou melhor, é através da progressão temática que as informações sobre um determinado tema ampliam a potencialidade semântica desse mesmo tema, através de outros temas, que, devido à aplicação ao tema inicial, são chamados de remas (Van Dijk, 2019, 2020). Portanto, na terminologia da Linguística Textual, tema é o referente da sentença, o sujeito da frase; enquanto o rema é a informação, logo o predicado.

A relação tema e rema pode apresentar alguns modelos de construção do enunciado, assim chamados de sequencial, de linear, de série, de espiral e de radial. A organização do enunciado não segue uma regra fixa, mas reconhecer a orientação da progressão temática colabora para a identificação dos temas, para a construção dos campos e redes semânticas, bem como a constituição de proposições e, assim, a construção dos recortes informacionais na apresentação dos conceitos, visto que o enunciado oferece, em sua tessitura, a possibilidade de demarcação dos atributos do conceito na apresentação das sentenças (Van Dijk, 2019).

Nesse sentido, o enunciado apresenta duas possibilidades: a) apresentar recortes dos aspectos de intensividade do conceito, ou seja, consoante às informações que já afetaram o produtor textual na confecção de

sua experiência, tal enunciado tem a função de delimitar a abrangência do conceito conforme à necessidade informacional e ao contexto incidentes na produção textual; b) permitir que a predicação seja instrumento para ampliar a extensividade do conceito, ou seja, diante da percepção e dos mecanismos de representação e mediação da realidade e da informação. O produtor do texto diante da consolidação da experiência que se desenvolveu frente à interação com os objetos relacionados ao tema ou figuras, promove a tal enunciado a função de ampliar os atributos pertinentes ao conceito, renovando sua composição como simulacro de fluxos informacionais, ou seja, cenas mentais em que se é possível efetivar a compreensão desse conceito, afetando, assim, a mente para a construção do conhecimento decorrente de um processo cognitivo.

Destacando a organização do enunciado, é válido afirmar que os seguimentos de progressão temática podem vir misturados, ou seja, como depende das estratégias de construção informacional, o fato de ser sequencial, linear, série, espiral e radial não é uma norma, porém há a possibilidade de interferir no sentido. Diante disso, estruturalmente, uma progressão linear apresenta um tema e uma sequência de remas; já a serial apresenta algumas séries de conjuntos informacionais, cada qual iniciada por um tema diferente, ao qual há a conexão de alguns remas; por fim, na sequência radial, a relação tema e rema se expande, ou seja, os remas podem, nos períodos ou parágrafos seguintes, tornarem-se temas (Van Dijk, 2019, 2020).

Observa-se o exemplo a seguir:

X. O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

(Matos e Guerra, 2005, p. 42)

Nesse excerto do soneto barroco (Moisés, 2005, p. 42), do poeta brasileiro Gregório de Matos e Guerra, é possível notar a aplicação de fundamentos da lógica para debater a relação entre todo e parte. Explorando fundamentos da retórica, o poeta busca aplicar esses fundamentos à atuação de Deus. Destacando a construção da progressão temática, observa-se que, no primeiro verso da primeira estrofe, *todo* é tema, na sequência *parte* e *todo* são remas. Já no segundo verso, inverte-se, *parte* é tema, enquanto *todo* e *parte* são remas. Assim, os dois versos são apresentados em uma progressão linear, contudo construindo uma organização serial, já que evidencia a definição de cada tema.

Na sequência do soneto, nos versos três e quatro da primeira estrofe, observa-se a distinção de *parte* em relação ao *todo*, desse modo o tema é *todo* e a troca entre *todo* e *parte* constituem uma grande sequência de remas. Já na segunda estrofe, há a retomada do *todo* para associá-lo ao tema *Deus*, com isso a progressão se formata em uma estrutura radial, visto que na sequência *todo* e *parte* formam um espiral trocando as funções de tema e de rema na construção da informação.

Nessa abordagem, entende-se que a validação do tema no enunciado é um mecanismo de exposição do conceito, visto que o conceito é um fenômeno que envolve definições linguísticas de seus predicados e atributos com fundamentações mentais constituintes de *frames*, responsáveis pela designação do ser, de modo ontológico, como suas aplicações, sejam práticas, cenas, estratégias, formas de vida, *epistemas*, métodos, de natureza teleológica, portanto o conceito é um simulacro entre signos que atuam como fenômenos linguísticos e signos que indicam a representação e mediação daquilo que está na realidade, na composição do extralinguístico.

Desse modo, o enunciado é responsável pela tematização e figuratização dos conceitos para que, na construção das sentenças, estabeleça-se a isotopia e permita que os conceitos sejam discursivizados e, assim, transitem da esfera da ontologia para a esfera dos argumentos, sob a qual recai os fundamentos lógicos na construção do raciocínio.

Sendo assim, a construção do enunciado é o primeiro estágio da evocação dos fundamentos de intensividade e extensividade do conceito

em princípios linguísticos para atender a necessidade decorrente dos fluxos informacionais, os quais apenas são produzidos consoante o *background* que uma mente possui sobre a linguagem e sobre a realidade para poder efetivar o simulacro.

Assim, entre linguagem, realidade, conceito e ativação dos conhecimentos para efetivar os simulacros que permitem a expressão alcançar o conteúdo, há um contexto que, motivado pelos objetos, fenômenos, eventos, actantes, tempo e espaço, canaliza esse simulacro para a discursivização e, assim, aplica diversas camadas de saberes na consolidação do conteúdo.

Antes de debater o ponto ápice da interpretação, é importante destacar que contexto pode ser entendido como ambientação para localizar ou explicar as coisas de uma realidade, ou seja, quando se busca “[...] indicar que algum fenômeno, evento, ação ou discurso tem que ser estudado em relação ao seu ambiente, isto é, com as condições e consequências que constituem o seu entorno” (Van Dijk, 2020, p. 19), assim evidencia-se as características formais do contexto. Desse modo, ao efetivar que o enunciado está ancorado na realidade e esta dialoga com um conjunto informacional responsável pela constituição de uma cadeia de enunciados e enunciações que permita transitar do fenomenológico para o discursivo na construção do simbólico

Frente a isso, destaca-se o seguinte exemplo:

XI. Áporo

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieclidiana,
uma orquídea forma-se.

(Andrade, 2010, p. 260)

Essa poesia, do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, apresenta um processo de construção de sentido bastante complexo. Primeiramente, é necessário recuperar o significado do léxico áporo, o qual pode ser sinônimo de inseto que cava a terra, uma espécie de orquídea verde e, o mais usual, uma ação que requer grande desafio, de difícil solução.

De fato, essa informação é fundamental para a construção do contexto. Somado a isso, no primeiro verso, o inseto é apresentado; já a orquídea, no último; por sua vez, uma ação de difícil resolução é a própria expressão da poesia, pois explorando os aspectos sonoros, a palavra inseto é constituída por três sílabas: [in-se-to]. Um inseto normalmente emite sons, os quais podem ser representados pelo som sibilante, nesse caso [se], que na formação da palavra, já está entre outras sílabas, criando a melopeia do inseto preso.

Não obstante, ao longo da poesia, palavras como *sem*, *escape*, *fazer*, *exausto*, *país*, *enlace*, *raiz*, *eis*, *mistério*, *presto*, *se*, *desata*, *sozinha*, *forma-se*, representam, no plano da expressão, o caminho que o inseto faz ao cavar a terra, o qual ao passar pelo labirinto, palavra que por si só forma uma melopeia, *presto se desata*, para que no último verso, através da palavra *forma-se*, haja o surgimento de um novo ser, que se formou decorrente à trajetória, além da presença do pronome *se*, posterior ao um hífen demonstrando liberdade.

Em suma, o enunciado é fundamental para relação entre os elementos mínimos para efetivar toda a força e potencial da semântica, além de ser no enunciado que os elementos que constituem a enunciação e o discurso são marcados. O enunciado não deve ser confundido com o texto, pois o texto é a junção de todos esses elementos, contudo o enunciado é a bússola para encaminhar as estratégias de interpretação.

De fato, há muito material semântico na construção do enunciado. Muitas vezes, o enunciado oferece quase todos os elementos, chegando a

ser bem próximo daquilo que será manifestante no discurso, todavia é fundamental evidenciar que todo desdobramento produzido no enunciado pertence ao plano da expressão, ou seja, o plano da expressão tem muito a oferecer em relação ao sentido, mas a significação apenas se efetiva no discurso e, somente analisando o discurso, é possível verificar percursos de significação, evolução dos signos até a semiose e, assim, alcançar o conteúdo.

É importante destacar que há muita informação oriunda do plano da expressão, já que sua resolução explora fundamentos da imanência de cada nível analisado, assim acessando pequenas frações do conteúdo, contudo é necessário evidenciar que ainda não é o conteúdo pleno, já que no discurso há tantas outras camadas de saberes.

4 O DISCURSO E SUAS CAMADAS INFORMACIONAIS: ARTICULAÇÕES DOS SABERES PARA ALCANÇAR O CONTEÚDO

O discurso é linguístico. A manifestação discursiva é decorrente daquilo que se efetiva no enunciado e na enunciação. A informação é modelizada e já não está necessariamente vinculada aos fatores lógicos que constituem a relação com a realidade. Ela não depende apenas da lógica para a verificação da verdade; o discurso pressupõe a existência de um *ethos* que garanta a veridicção e a fidedignidade (Greimas; Fontanille, 1993).

O enunciado e a enunciação são níveis responsáveis por textualizar os elementos responsáveis pela interação linguagem e extralinguístico. O discurso, é bem verdade, pode se conectar a outros discursos, mas suas marcas de conexão são viabilizadas pela construção do enunciado e da enunciação, ou melhor, pelas marcas linguísticas que se perfazem no enunciado e revelam diretrizes na enunciação (Van Dijk, 2019; Ducrot, 2020).

Sendo assim, o discurso é o nível de manifestação da informação e, assim, permite que esta seja disponibilizada para a comunicação (Maingueneau, 1996). Frente a isso, é no discurso que os conceitos se alinham aos outros, com isso a informação delimita sua aplicação e seus aspectos de intensividade; por outro lado, é graças ao discurso que os aspectos de extensividade acontecem e se conectam a outros saberes e, assim,

a informação gera informatividade, possibilitando a interação cognitiva e a aquisição de conhecimentos.

Além disso, o discurso permite a manifestação da retórica, enquanto é no enunciado que se perfaz a semântica, através dos adverbos da isotopia, bem como é no enunciado que se configura a presença da lógica, pois é nesse nível que se efetivam as proposições e as sínteses. Por sua vez, é na enunciação que fatores da pragmática se efetuam como elementos manifestantes, pois nesse nível há as marcas de dêixis, apontando os aspectos condutores do ato, como actantes, espaço e tempo (Benveniste, 1999, 2014). Além disso, na enunciação também ocorrem as marcas de catálise, pressupostos, implícitos e implicaturas (Grice, 1989, 2001; Van Dijk, 2019, 2020; Ducrot, 2020).

De todo modo, os níveis: enunciado, enunciação e discurso não se manifestam de qualquer modo, visto que as marcas discursivas são responsáveis pela demarcação da intencionalidade, da aspectualização, da direcionalidade e da situacionalidades (Koch, 2018a; Van Dijk, 2019). Nessa linha, o discurso se realiza sob condições de materialidade de aspectos informacionais importantes para efetuar a interpretação, já que evidencia a presença de sujeitos, que se posicionam frente a aspectos sociais, históricos, culturais, políticos, ideológicos e científicos (Bakhtin, 2011, 2016; Pêcheux, 1997). Sendo assim, o discurso é um ato único, porém suas marcas podem ser reproduzidas por outros discursos, os quais atualizam o conhecimento e como os objetos discursivizados afetam as mentes e contribuem para a realização da semiose.

Outrossim, os discursos revelam formas de vida e, através destas, a constituição de um *ethos* (Fontanille, 2019). Somado a isso, demarcam os fluxos informacionais que representam essas formas de vida, como também fluxos informacionais que manifestam as intencionalidades e as trocas simbólicas, por isso os discursos são responsáveis pelo dialogismo, aspecto que permite que interlocutores compartilhem seus conhecimentos e necessidades informacionais, sob o qual há a incidência da alteridade (Bakhtin, 2011, 2016).

Desse modo, os discursos são demarcados por gêneros textuais, ou gêneros de discurso (Bakhtin, 2011, 2016), que efetivam modelos sociais de discurso, os quais são aplicados decorrente às situações de interação, ou seja, os gêneros discursivos são a materialização das necessidades informacionais posta em fluxo de troca e alcance cultural e social. Decorrente a isso, os discursos norteiam as estratégias para interação com os sistemas informacionais, e os gêneros discursivos são as ferramentas de interação entre sistemas, documentos e usuários.

Frente a essas disposições, entende-se que o discurso é resultante da relação enunciado, enunciação, sujeito, interação, alteridade (Bakhtin, 2016), necessidade informacional e disposição dos conceitos no fluxo informacional. Dessa maneira, aponta-se que, para explorar aspectos de sentido e significação produzidos no discurso, é preciso explorar três esferas que o compõem, as quais serão analisadas de modo isolado para fins descritivos e de análise científica, no entanto, na aplicabilidade, ocorrem todas ao mesmo momento, sem distinção de suas particularidades:

- a) aspectualização figurativa e temática, em que se efetiva a congruência da narratividade e as isotopias com a construção dos valores, da intencionalidade, das manifestações interdiscursivas;
- b) conexão entre os saberes, em que se recuperam os fatores interdiscursivos, sua contribuição para a construção do sentido e da significação, bem como a recuperação parcial ou total de sua manifestação original e contextual;
- c) marcas discursivas, em que se reconhece a presença ou a ausência de fenômenos sociais, históricos, políticos e ideológicos, por um lado, efetiva a marcação do sujeito no ato de fala; por outro, para que as estratégias de comunicação, viabilizada por instituições, demarquem o poder midiático de quem está no controle.

O fenômeno linguístico da aspectualização é decorrente da construção do enunciado e da enunciação (Greimas; Fontanille, 1993). Nessa esfera, os elementos que marcam a construção do texto são verbalizados

e, assim, atuam como condutores do plano da expressão para o plano do conteúdo. Isso é possível porque o que reverbera no discurso está ancorado no enunciado, com isso os conceitos oriundos da isotopia dos temas e das figuras presentes são canalizados pelas proposições e demarcam a intencionalidade dos construtos textuais.

Outro ponto importante na análise da aspectualização é o processo simbólico, ou seja, as marcas culturais inerentes às escolhas lexicais que compõem o enunciado, assim permitindo que se acompanhe as narrativas de cunho social, político, ideológico, cultural ou científico que se desenham consoante ao gênero discursivo adotado. Frente a isso, não é condizente com o gênero discursivo *artigo científico*, que se espera uma interlocução à base de epistemologias e metodologias, que os argumentos presentes nos resultados apresentem uma aspectualização de cunho político ou ideológico, pois isso afetaria a constituição do *ethos* e dos valores deônticos que perfazem o gênero discursivo.

Na inter-relação da esfera de aspectualização e de conexão entre os saberes, ocorre a interdiscursividade, bem como a interdisciplinaridade. Nesse aspecto, as marcas da aspectualização constituídas no enunciado e na enunciação permitem a conexão entre os diversos saberes, os quais são necessários para tratar do tema abordado. Evidentemente, esse tipo de abordagem sobre a constituição do discurso ocorre frente a uma análise da complexidade (Morin, 2015), visto que um tema é abordado consoante os elementos necessários para sua compreensão, não havendo limites da presença das áreas do conhecimento, ou seja, os saberes são evocados conforme à constituição das formas de vida.

Nessa esfera, há o recorte temático, já que um texto é produtor de vários discursos, portanto é possível interpretar vários recortes, consoante as construções de isotopia. Isso ocorre porque os conceitos são direcionados para a construção dos argumentos que representam as formas de vida e, assim, permitem que afetem o interlocutor conforme seu conhecimento de mundo, por isso, no processo discursivo, é possível a modelização do comportamento, construindo *frames*, que estabelecem os modelos cognitivos, os quais ampliam a experiência e efetivam a conduta e o hábito embora sejam oriundas de modelos sociais (Lakoff, 1998, 2018). Essa conexão de

saberes permite criar hipóteses, testar as informações e averiguar os resultados confrontando com os fundamentos de verdade, como recursos lógicos, jurídicos, culturais conforme os instrumentos de veridicção e inquirição.

No entanto, essa esfera discursiva, devido à sua influência na modelização cognitiva das pessoas, permite a constituição de conceitos sem que estes sejam alinhados aos critérios de inquirição da verdade, ou seja, por se tratar de composição discursiva, está atrelada à retórica (Pêcheux, 1997) e, por ser de natureza linguística, possibilita a criação de mundos ficcionais, de seres imaginários, como também permite a criação de *fake news* e pós-verdade.

Na transição da esfera que efetiva as camadas de saberes e modelização do comportamento para a esfera das marcas discursivas, há o processo de institucionalização do discurso, já que valores são revigorados por instituições públicas e privadas e muitos saberes são objetificados para a facilitação do seu entendimento por parte da massa (Foucault, 1979, 2006, 2007, 2015; Pêcheux, 1997). A institucionalização da informação permite estratégias de manipulação, efetivando as marcas de poder e a presença sobreposta aos dispositivos de controle (Foucault, 1979, 2006). Esse tipo de discurso é responsável pela dominação ideológica, pela mobilização de ações de grupos e pelo apagamento de informações fundamentais para a compreensão do cenário em que fenômenos e eventos ocorrem (Pêcheux, 1997).

Essa esfera discursiva pode ser perigosa e corroborar a falta de estratégias de manutenção da democracia. Há diversas ações que marcam pequenos pontos de interesse informacional de um grupo, no entanto essas ações apagam informações importantes para a compreensão do todo (Foucault, 1979).

Essa terceira esfera do discurso quase nunca se aplica para se obter acesso ao plano do conteúdo em sua completude como fazem as outras duas esferas; ao contrário, essa terceira esfera discursiva se mantém devido às estratégias indevidas de interpretação à base do plano da expressão.

Com isso, evidencia-se que o discurso é o caminho para transitar do plano da expressão para o plano do conteúdo, visto que o processo

de discursivização é complexo, bem como é combustível para a semiose. Entretanto, o discurso pode ser uma estratégia de subjetivação e controlar corpos através das necessidades informacionais dos grupos envolvidos (Foucault, 2007, 2015).

Assim, o ato discursivo é marcado por fragmentos do plano da expressão que não permitem ou não motivam as mentes envolvidas a buscarem fundamentos informacionais para compreender o processo de significação de modo complexo. Esse tipo de discurso consolida o efeito de sentido à base da retórica, sem critérios de verificação da verdade, ou seja, a base deôntica não se aproxima da lógica, tampouco o processo de inquirição das informações é um instrumento presente em constante na construção do conhecimento.

Em suma, embora a discursividade seja fundamental para a constituição das figuras e dos temas responsáveis pela uniformidade à isotopia, somado ao potencial de agregar diversas camadas de saberes a fim de ativar experiências em uma mente e, assim, gerar semioses; reconhece-se, por sua vez, que o discurso é modelizador de comportamento devido a sua forma enunciativa, a qual nem sempre, a depender do contexto e das interações, vai requerer fundamentos lógicos ou estratégias de verificação da informação, visto que basta a identificação de parte de elementos simbólicos nas formas de vida, com isso o discurso pode servir de instrumento de manipulação, por conseguinte de motivações ideológicas indevidas ou apagamentos de informações decorrentes da manifestação de poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A informação afeta a mente e, com isso, motiva essa mente a buscar interpretar seu sentido. Esse sentido se perfaz com a organização de signos que constituem um conjunto de aspectos semânticos para evidenciar sua composição. Esse conjunto de signos se manifesta através do plano da expressão, o qual ganha valor devido às regras a que esses signos são submetidos, por tanto há inicialmente uma gramática, especulativa ou normativa, para organizar o significado.

Decorrente a essa organização dos signos, é possível haver uma instrumentalização para materializar a informação em linguagem, por conseguinte mecanismos de interação com essa linguagem possibilitam a compreensão da informação.

A sistematização da informação em linguagem permite a constituição de construtos que realizam um sincretismo entre linguagem e objetos, fenômenos ou eventos da realidade, assim constituindo conhecimentos sobre o mundo, sistematizado em conceitos. Os conceitos, por sua vez, através de recursos linguísticos, são compiladores de informações que constituem os atributos das coisas do mundo representadas através da linguagem, os quais promovem a mediação entre realidade e mente, como por exemplo, através de *frames*.

Sendo assim, buscou-se demonstrar como os elementos mínimos da linguagem são fundamentais para a constituição do enunciado e para a demarcação da enunciação. Somado a isso, também foi demonstrado como esses fatores são fundamentais para a constituição do plano da expressão e como este é gerador de sentido. Com isso, demonstrou-se que o plano da expressão, através do composto semântico que lhe compõe, é capaz de gerar sentido, já que seus componentes manifestam um conteúdo imediato através da imanência do seu significado, porém, sem o processo de discursividade, não é possível acessar o plano do conteúdo de modo pleno, direcionado às substâncias presentes, total ou parcial.

Além disso, esta pesquisa também demonstrou que o discurso é composto por esferas. Desse modo, evidenciou os processos que relacionam discurso, enunciado e enunciação para a composição do texto. Com isso, apresentou a necessidade de aplicação de elementos de verificação de verdade para confirmar a legitimidade da informação. Por outro lado, também demonstrou que uma das esferas discursivas pode gerar manipulação da informação, e como o discurso é modelizador de comportamento, pode comprometer a manutenção da democracia.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. *Iracema*. São Paulo: Martins Claret, 2006.
- ALMEIDA, G. M. de B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *Tradterm*, São Paulo, v. 9, p. 211-222, dez. 2003.
- ALMEIDA, G. M. de B. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. *ALFA: revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006.
- ANDRADE, C. D. *Antologia poética*. 66. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ARAÚJO, C. A. A. *O que é ciência da informação*. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARITÉ, M. *et al. Diccionario de Organización del Conocimiento: clasificación, indización, terminología*. 6. ed. corregida y aumentada. Montevideo: Csic, 2015.
- BARROS, L. A. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 22-26, jun. 2006.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística General II*. Tradução de Juan Almela. 15. ed. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1999.
- BENVENISTE, E. *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Navak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- BEAUGRANDE, R-A.; DRESSLER, W. U. *Introducción a la lingüística del texto*. Tradução de Sebastián Bonilla. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society of Information Science*, New York, v. 42, n. 5, p. 351-360, June 1991. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3). Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

- BUCKLAND, M. K. What is a document? *Journal of the American Society of Information Science*, New York, v. 48, n. 9, p. 804-809, Sept. 1997. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199709%2948%3A9%3C804%3A%3AAID-ASI5%3E3.0.CO%3B2-V>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999.
- CABRÉ, M. T. Theories of terminology: their description, prescription and explanation. *Terminology*, Amsterdã, v. 9, n. 2, p. 163-199, Jan. 2003.
- CABRÉ, M. T. Norma y normas en terminología: concepto, tipología y justificación. In: ISQUERDO, A. N; FINATTO, M. J. B. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. v. 4, p. 365-396.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História da Linguística*. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere. *Proceedings [...]*. Tampere: University of Tampere, 1991.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. The concept of information. *Annual Review of Information Science and Technology*, Silver Spring, v. 37, n. 1, p. 343-411, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1002/aris.1440370109>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- CARNAP, R. *Logical syntax of language*. London: Internacional Library of Philosophy, 1937.
- CARNAP, R. *Studies in semantics: formalization of logic*. Massachusetts: Harvard University Press, 1943.
- CARNAP, R. *Studies in semantics: introduction to semantics*. Massachusetts: Harvard University Press, 1948.
- CHOMSKY, N. *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Tradução de Carlos-Peregrín Otero. Madrid: Aguilar, 1976.
- CHOMSKY, N. *Sintáctica y Semántica en la gramática gerativa*. Tradução de Carlos-Peregrín Otero. México: Siglo Veintiuno Editores, 1979.
- CHOMSKY, N. *Linguagem e mente*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2009a.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. Tradução de Mario Leite Fernandes. São Paulo: JSN, 2009b.

- CHOMSKY, N. *A ciência da linguagem: conversas com James McGilvray*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero, Luisandro Mendes Souza e Sérgio de Moura Menuzzi. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Rio de Janeiro: Vozes, 2018a.
- CHOMSKY, N. *Sobre natureza e linguagem*. Tradução de Marylene Pinto Michael. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018b.
- COSERIU, E. *Principios de Semântica Estructural*. Tradução de Marcos Martínez Hernández. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1981.
- COSERIU, E. *Introducción a la Lingüística*. Tradução de Dámaso Alonso. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1986.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, dez. 1978a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>. Acesso em: 10 out. 2023.
- DAHLBERG, I. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jul. 1978b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/view/29057>. Acesso em: 20 out. 2023.
- DUBOIS, J. *et al. Dicionário de Linguística*. Tradução de Izidoro Blikstein *et al.* São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FARACO, C. A. *História sociopolítica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- FILLMORE, C. J. *Case grammar*. Heidelberg: Groos, 1987.
- FONTANILLE, J. Práticas semióticas: a imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (org.) *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008. p. 15-74.
- FONTANILLE, J. *Formas de vida*. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2015.
- FONTANILLE, J. *Prácticas semióticas*. Tradução de Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2016.

- FONTANILLE, J. *Semiótica discursiva*. Tradução de Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- FOUCAULT, M. A. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FOUCAULT, M. A. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. A. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FREGE, G. *Estudios sobre semantica*. Tradução de Jesus Mosterin. Barcelona: Ariel, 1984.
- FREGE, G. *Investigações lógicas*. Tradução de Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.
- FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.
- GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Librairie Larousse, 1966.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GRICE, P. *Studies in the way of words*. Massachusetts: Harvard University Press, 1989.
- GRICE, P. *Aspects of Reason*. New York: Clarendon, 2001.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da Linguagem*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HJØRLAND, B. Concept theory. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, New York, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, ago. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.21082>. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.21082>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018a.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018b.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

- LAKOFF, G. *Ten lectures on cognitive linguistics*. Leiden: BRILL, 2018.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaforas de la vida cotidiana*. Tradução de Jose Antonio Millan e Susana Narotzky. 8. ed. Madrid: Catedra Teorema, 2009.
- MAINGUENEAU, D. *Elementos da linguística para o texto literário*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARTINET, A. *Elementos de Lingüística General*. Tradução de Julio Calonge Ruiz. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1968.
- MATOS E GUERRA, G. Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu. In: MOISÉS, M. *A Literatura Brasileira através dos textos*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 41-42.
- MILANI, S. E. *Relato da obra de Ferdinand de Saussure*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2016.
- MEILLET, A. *Como as palavras mudam de sentido*. Organização e Tradução de Rafael Faraco Benthien e Miguel Soares Palmeira. São Paulo: EdUSP, 2021.
- MEIRELES, C. *Antologia poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3.
- NEVES, M. H. M. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PESSOA, F. *Mensagem*. Avero: Livraria Estante, 1993.
- REFRÃO de Bolero. Compositor: Humberto Gessinger. In: ACÚSTICO MTV. [S.l.]: Gravadora BMG, 1991. 1 DVD, faixa 7, (2 min).
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SANTAELLA, L. (org.). *Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Paulus, 2020.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEARLE, J. R. *Intencionalidade*. Tradução de Julio Fischer e Tomás Rosa Bueno. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- SILVEIRA, L. F. B. *Curso de Semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.
- SMIRAGLIA, R. P. *Domain analysis for Knowledge Organization: tools for ontology extraction*. Kidlington: Elsevier, 2015.
- TERCEIRA do Plural. Compositor: Humberto Gessinger. *In: SURFANDO Karmas & DNA*. [S.l.]: Universal Music, 2001. 1 CD, faixa 7, (2 min).
- TREVISAN, D. Uma vela para Dario. *In: MORICONI, I. (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 279-282.
- ULLMANN, S. *La Semantica: Introduzione alla scienza del significato*. Tradução de Anna Baccarani e Luigi Rosiello. Bologna: Il Mulino, 1966.
- VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. Tradução de Ingedore V. Koch. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2020.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.